

Augúrios de boa colheita, de desenvolvimento e de encontro íntimo: a profundidade do ser, a fé no método e a esperança nas transformações¹

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo²

Resumo: A autora desenvolve o pensamento de que, assim como nas crianças, a sábia ignorância é aliada no trabalho do psicanalista, para transitar entre paradoxos e talvez alcançar o não representado, portal da criação.

Palavras-Chaves: psicanálise, formação, tradição, ética.

“No quiero decir que al médico siempre le resulte fácil mantenerse dentro de las fronteras que la ética y la técnica le prescriben” (Freud, 1914).

Atitude analítica implica, a meu ver, se fazer responsável pela própria caminhada, sem guias, nem mapas, com muitas descobertas em nosso ser – através da análise - e nos pacientes, com quedas e tropeços, para delas, muito aprender. O desafio exige disciplina para observar atentamente o terreno e pesquisar a cada passo, o canto onde se apoiar provisoriamente, para alcançar um equilíbrio, sempre instável, na escuridão das incertezas, sem saber, *a-priori*, onde esse esforço levará. Mas a cada palmo conquistado, como um aventureiro, reavivar a esperança que desta forma, com fé neste método de exploração, é possível encontrar com alegria, novidades, surpresas, novas bifurcações, picadas, terrores, fabulosos monstros, entre os pedregulhos e riachos, subidas e descidas.

As conhecidas trilhas tradicionais, de dura terra batida, caminhos já percorridos,

1. Aula inaugural proferida no dia 26/02/2018, à nova turma de Candidatos à formação psicanalítica no Instituto Durval Marcondes, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Agradeço à Vera Fonseca o convite que muito me honra. Uma alegria compartilhar este compromisso com a querida Rachel. Aos colegas que hoje ingressam formalmente no Instituto da SBPSP.

2. Analista Didata e Docente do GEP Campinas e da SBPSP.

oferecem aparente segurança na tradição cartesiana. Mas o reflexo da iluminação, com seu espelho brilhante, ofusca a percepção do caminhante, sem permitir-lhe alcançar profundidades. Trilhas idolatradas muito transitadas, endurecidas com supostos saberes categóricos, matam os novos brotos, o imprevisível e o potencial da criação.

É importante conciliar a fidelidade à tradição psicanalítica, ao espírito dos nossos grandes pensadores, equilibrados nos seus ombros, com a possibilidade de enxergar outras dimensões, outras paisagens, ousar outros métodos, apropriando-nos do poder criativo dos mestres e sua incessante capacidade de questionamento.

A construção permanente da subjetividade profissional depende da cultura institucional, da própria experiência clínica enraizada na análise pessoal e dos acontecimentos de nossa vida.

A predição, o prognóstico como estigma do destino, o presságio, o vaticínio - poderes do sacerdócio - são perigosas tentações para um psicanalista. O determinismo, a relação unívoca entre causas e efeitos, a busca do *logos* cartesiano, inebriam a onipotência e corroem a essência da psicanálise.

Como nas crianças, a sábia ignorância é nossa aliada para transitar entre paradoxos e talvez alcançar o não representado, portal da criação.

No espírito do analista, para iniciar sua incrível aventura - em cada momento da sessão, com cada paciente - e não correr riscos desnecessários, é preciso dispor de:

Capacidade para questionar a vocação para ser psicanalista

Sempre é pertinente a indagação à si próprio sobre a profissão escolhida e escolhe-la momento a momento. A autorização para tentar ser e devir psicanalista precisa nascer das entranhas.

Todos aqui estamos porque fomos, um dia, aprovados no processo de seleção dos nossos Institutos e Sociedades de Psicanálise. Mas o questionamento a que me refiro é íntimo, ontológico, existencial. Por que desejo vir a ser psicanalista?

A mente em análise, re-análise e auto-análise

Se nossa mente, nosso ser, está implicado na relação com o paciente e faz parte do campo analítico (Baranger, 1961,1962), é preciso uma maturidade psíquica para observar, perceber e monitorar os sinais que nossa alma nos oferece no trabalho, com a singularidade de cada paciente.

Sonhos, pesadelos, psicossomatizações, mal-estares, preocupações, atuações, lapsos, encantamentos, apatias, quando analisados, podem ser portais para aceder a certos derivados do inconsciente em jogo no profissional, no paciente, na relação.

Paixão

Na acepção de Bion (1963), paixão é uma emoção compartilhada de mente a mente, com profundo respeito e consideração pelo objeto, que integra os vínculos de amor, ódio e conhecimento, harmonicamente; sem possessão nem violência. Sejamos analistas apaixonados pela beleza do método (Meltzer, 1971), e inspiremos o paciente a ser também nosso melhor apaixonado aliado (Bianchedi,1999).

Fé

Estado de mente do analista com abertura e receptividade para o outro. A fé é uma experiência subjetiva de contato verdadeiro com o outro (Silva, 2018).

Uma atitude de busca com encontros transitórios com a verdade, com a beleza, com o conhecimento.

Coragem

Para dizer verdades com firmeza amorosa, no momento oportuno, mesmo que dolorosas. Coragem para não evitar e/ou sufocar o ódio (Winnicott.1949), a raiva, a destrutividade, o ressentimento, a apatia, o cansaço em nós e no paciente, em rotas de fuga.

Entre elas, destaco: as atitudes sedutoras e/ou educativas, as conversas amistosas, as confissões, as orientações, opiniões. induções, racionalizações. Das tormentas

e trovões na sala de análise, pode surgir certa luz.

Humildade

Já que somos apenas humanos, psicanalistas, nosso saber será sempre limitado e imensa nossa ignorância frente à incognoscível alma humana. Por isto, ante os impasses e turbulências com um paciente, precisamos aproveitar a oportunidade preciosa de aprendizado, sobre nós mesmos, trabalhando a situação em análise e reanálise, consultando um colega para perceber o que de nós está nesse emaranhado nebuloso. Claro que há limites e é preciso poder reconhecê-los, sem desistir de nossa função. O analista encontrará outro paciente mas nem sempre o paciente voltará a se permitir outra experiência de análise. Não se trata de ter que prosseguir uma análise para garantir nossa onipotência e narcisismo. A questão é indagar se foi realizado todo o possível para compreender a interrupção anunciada.

Escrita detalhada das sessões, observação atenta de nossas próprias emoções, pictogramas, ideias, lembranças que aparecem em nossa mente; sonhos e pesadelos; a procura de um interlocutor para ter um segundo olhar, a escuta da escuta, podem transformar os impasses em oportunidades para encontrar outros níveis de profundidade e sentidos na relação desfalecente e ameaçada.

Responsabilidade

Compreendida como a sublime tentativa de reparação na Posição Depressiva (PD), bem diferente da culpa diante da perda do objeto e da previsibilidade.

A esperança de poder compreender a um outro na alteridade e transformar seu sofrimento, se aninham na profundidade do psiquismo humano (Puget, 2015). Responder ao paciente na situação analítica, implica assumir o compromisso ético de cumprir a função proposta, enraizada na verdade e na realidade.

Não é para induzir o paciente a seguir o “bom caminho”, numa linha adaptativa, na contramão da psicanálise. Trata-se de favorecer que desse encontro inédito, estético, misterioso, entre o analista e o analisando, ambos, por estarem visceralmente

implicados, possam aceder às transformações no ser, para Bion, em O.

Cada espaço da constituição subjetiva do analista precisa ser respeitado, naquilo que tem de próprio.

Assumir com responsabilidade a formação e a filiação às nossas instituições psicanalíticas, implica delas participar ativamente:

a) Politicamente, nos espaços legitimados para o debate das diferenças, divergências, confrontos, novas ideias, com profundidade, para aprimorar nossa ciência-arte, em todos os sentidos, e não para planejar um alpinismo político a procura de cargos e *status*, para sucumbir nas águas do narcisismo. Um exercício para respeitar ao outro, sem anular os efeitos da diversidade e esterilizar o diálogo.

A fragilidade na inserção institucional, as posturas acríticas, o desinteresse, o isolamento, o conformismo, a apatia, o anonimato, a indiferença, “*para que me meter....; tudo seguirá igual...; eles que resolvam...*”; não colaboram para forjar uma postura analítica que visa a transformação dos membros das nossas instituições e dos nossos pacientes. A cultura nos atravessa! Somos seres sociais e políticos, de preferência engajados, para não cometermos pecados éticos. A tocha da vivacidade psicanalítica, mesmo que trêmula por fatores históricos, socioculturais e também por nossos erros, está acesa. Não a apaguem!

b) Cientificamente, as nossas instituições psicanalíticas oferecem, através de suas Diretorias Científicas, atividades variadas, sejam com convidados estrangeiros, sejam com colegas que esculpem nossa identidade numa formação continuada. Todas as escolas de pensamento tem seu espaço. O confronto com o diferente, o estranho, pode criar novas oportunidades para mapear convergências, divergências e abrir o portal para o novo.

Os grupos de estudos, abertos a todos colegas, são também espaços privilegiados para aprofundar temas e autores. IPA, FEPAL e FEBRAPSI³ nos oferecem inúmeras possibilidades de interlocução para aprimorar nossa formação.

3. IPA (International Psychoanalytical Association), FEPAL (Federación Psicoanalítica de America Latina) e FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise).

c) Socialmente, sejam nos encontros espontâneos, onde podem surgir amizades, sejam na criação de uma cultura acolhedora e crítica, continente das diferenças, sejam na procura de convívio no lazer, nos encontros culturais e festivos, sejam nos laços de solidariedade, nas horas de dor. Posso testemunhar que a SBPSP foi uma companhia viva na ocasião de meu acidente.

Paciência

Tanto o caos, quanto a turbulência emocional, assustam, perseguem, são difíceis de tolerar. Eles despertam os fantasmas e angústias da Posição Esquizoparanóide (PS). Ser capaz de tolerá-las, constitui o que Bion (1973) chamou de paciência.

Ter paciência ante o caos é angustiante e requer muita fé na verdade que lhe subjaz, mesmo que desconhecida. A onipotência, a onisciência, os refúgios na memória, no desejo, na compreensão, na evidência dos sentidos, são perigosas tentações diante do desconhecido. Paciência não é complacência, ao dizer de Britton.

Liberdade

Para não se submeter ao paciente, a líderes carismáticos, aos autores consagrados, às necessárias instituições, ao próprio analista. Assumir nosso desamparo e solidão no consultório, onde é de desejar que sejamos nós mesmos com o paciente, sem nos sufocar com os ideais das autoridades científicas, com as teorias.

Os grandes mestres da Psicanálise, com suas obras exemplares, não esgotaram a alma humana. Nossos analistas, professores, supervisores são limitados. Importa poder pensar por nós mesmos!

Palavras a dizer

Não transitem pelos nossos Institutos contando os minutos para cumprir os cinco anos de análise pessoal que rezam os Estatutos ou fazendo exercícios aritméticos para acabar com os créditos obrigatórios e eletivos. Não desperdicem as

oportunidades que as nossas Instituições Psicanalíticas oferecem!

Deixem-se atravessar pela experiência, e lutem para atravessá-la com assombro, vigor, curiosidade, sem confundir acumulação de conhecimentos com verdadeiro enriquecimento pessoal.

Aquilo que traz o paciente para iniciar uma análise, antes de entrar na nossa sala, a ele pertence; mas o vínculo imanente⁴ (Moreno, 2016) - do qual somos plenamente parte e que com ele conquistamos - é também de nossa responsabilidade. Esse encontro de subjetividades, cenário de desenvolvimentos conectivos, que coagula o viés científico, artístico e ético, que maravilha e espanta, é potencialmente transformador.

Atitude analítica implica fidelidade e disciplina exigente com o método na construção do objeto analítico.

Com o cantor e compositor Raul Seixas⁵, lhes auguro um árduo e fascinante percurso para virem a ser psicanalistas vivos, comprometidos e criativos, com disponibilidade para investir no paciente (Mendes de Almeida, 2008), motivo da existência de nossos Institutos e Sociedades de Psicanálise, que abrem as portas às novas gerações. Que nosso foco seja como fazer da psicanálise uma ferramenta mais profunda e verdadeira para investigar e aliviar as dores da alma humana.

*“Eu já fui de vários jeitos
Jeitos que não eram eu
Demorei a encontrar meu caminho
Trilhando caminhos que não eram o meu
Mas ao longo dos caminhos
Encontrei muitas flores
E também muitos espinhos
Descobri vários amores
Enfrentei vários temores
Pelas beiras dos caminhos
E eles foram se fundindo
Todos em uma coisa só
Os caminhos, os amores*

*E os temores
Tudo o que encontrei
Tentando ser o que não era eu
Transformou-me no que eu sou
E formou o caminho
Que finalmente era o meu...”*

4. Propriedade pela qual uma determinada realidade permanece fechada em si mesma, esgotando nela todo seu ser e seu atuar. (Moreno, 2016)

5. “Eu já fui de vários jeitos” - Raul Seixas

Prediction of good harvest, of development and intimate meeting: the depth of being, faith in the method and hope in transformations

ABSTRACT: The author develops the idea that, just as in children, wise ignorance is allied in the work of the psychoanalyst, to move between paradoxes and perhaps to reach the unrepresented, portal of creation.

KEY WORDS: psychoanalysis, formation, tradition, ethics.

Augurios de buena cosecha, de desarrollo y de encuentro íntimo: La profundidad del ser, la fe en el método y la esperanza en las transformaciones

RESUMEN: La autora desarrolla el pensamiento de que, así como en los niños, la sabia ignorancia es aliada en el trabajo del psicoanalista, para transitar entre paradojas y tal vez alcanzar al no representado, portal de la creación.

PALABRAS CLAVE: psicoanálisis, formación, tradición, ética.

Referências

- Baranger, M.; Baranger, W. (1961-1962). La Situación analítica como campo dinámico. In *Revista Uruguaya de Psicanálisis*, 4, 3-54.
- Bion, W. (2012). *Complete works*. London: Karnac Books.
- Bianchedi, E. T. et. al. (1999). *Bion Conocido/Desconocido. El psicoanalista apasionado o aprendiendo de la experiencia emocional*. pp. 187-198. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Ferro, A. (2017). *Tormentos de almas. Paixões, sintomas, sonhos*. São Paulo: Blucher.
- Freud, S. (1914). Puntualizaciones sobre el amor de transferencia (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, III). In: Sigmund Freud. *Obras completas*, Vol. XII, p. 172. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976.
- Meltzer, D. (1971). Sinceridad: un estudio en el clima de las relaciones humanas. In *Sinceridad y otros trabajos*. ed. por A. Hahn, Spatia ed., Bs. As., 1997.
- Mendes de Almeida, M. (2008). O investimento desejante do analista frente a movimentos de afastamento e aproximação no trabalho com os transtornos autísticos: impasses e nuances. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*. Vol. 8/2008 [169-84].
- Moreno, J. (2016). *El psicoanálisis interrogado. De las causas al devenir*. Cap. 11, 12. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Prada e Silva, M. (2018). *O absurdo da fé*. Apresentado no GEPCampinas, 24 de fevereiro de 2018.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbre y certezas*. Cap. 9. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Seixas, R. *Eu já fui de vários jeitos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pQgQCuVýQPA>>. Acesso em: 18 de fev. de 18.*
- Winnicott, D. (1949). Hate in the countertransference. In: *International Journal of Psychoanalysis*, 30: 69-75.